GINÁSIOS VOCACIONAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO: UM LUGAR DE MEMÓRIA?

*Daniela Gomes de Albuquerque Ferreira
Maurilane de Souza Biccas
Universidade de São Paulo*

RESUMO

Esta comunicação tem por objetivo discutir os Ginásios Vocacionais como um “lugar de memória” a partir da memória de dois importantes autores do Ensino Vocacional, Maria Nilde Mascelani “Uma pedagogia para o trabalhador: o Ensino Vocacional como base para uma proposta pedagógica de capacitação profissional de trabalhadores desempregados (Programa Integrar CNM/CUT)” e Newton César Balzan “Estudos Sociais: opiniões e atitudes de ex-alunos”. É importante destacar que o trabalho ora apresentado, faz parte da pesquisa de mestrado que venho desenvolvendo e visa investigar a experiência do Ginásio Vocacional “Cândido Portinari” de Batatais sob a perspectiva dos ex-alunos desta instituição. Neste sentido, pretendo compreender quem foram os alunos, quais suas características quanto ao gênero, etnia, classe social, religião e filiação. Analisarei ainda como se dava o processo de ingresso nesta escola, bem como quem foram os professores, como ingressavam e atuavam no neste Ginásio Vocacional. Enfim, como alunos, professores e pais participavam do funcionamento da escola e da construção do seu projeto de Ação Comunitária. Além disso, busco determinar a especificidade da experiência do Ginásio Vocacional “Cândido Portinari” com relação aos outros Ginásios Vocacionais. É importante ressaltar que os Ginásios Vocacionais foram experiências significativas para a educação no Estado de São Paulo e no Brasil, apesar de terem durado apenas oito anos (1962 a 1969). Foi implantado um total de seis unidades no Estado de São Paulo, uma na Capital, com o nome de “Oswaldo Aranha”, e as demais no interior: “Cândido Portinari” em Batatais, “João XXIII” em Americana, “Embaixador Macedo Soares” em Barretos, “Chanceler Raul Fernandes” em Rio Claro e “Vila Santa Maria” em São Caetano do Sul. Para esta comunicação procurei analisar os dois trabalhos (teses), inicialmente apresentados, tentando perceber em que “lugar de memória” esses indivíduos colocavam suas experiências, como configuravam suas representações, diante de suas práticas em um modelo que na época foi tratado como subversivo pelos militares, o que levou a sua extinção em 1969. Busco discutir a memória e seus lugares na perspectiva de Pierre Nora (1983), partindo do pressuposto de que é necessário criar lugares para que a memória se estabeleça, uma vez que os lugares de memória são constantemente criados e posteriormente mantidos pelo sentimento que não há lembrança espontânea. Surge, assim, a necessidade de se criar formas artificiais de se armazenar recordações, criando arquivos e acervos, comemorando aniversários, organizando festividades, uma vez que nenhuma dessas atividades é natural, mas construída historicamente. Esses “lugares de memória” só existem em função dos diferentes sentidos que damos a eles, o que significa dizer que estes locais vivem das transformações, podendo existir tantas memórias quantos grupos existirem. Até o momento, pode-se inferir que: a experiência dos Ginásios Vocacionais foi um “lugar de memória” privilegiado para Maria Nilde e Nilton Balzan, na medida em que possibilitou reescreverem suas trajetórias, reverem suas práticas, reconhecerem suas lutas e reconstruírem-se como pessoas. Assim, a experiência dos Ginásios Vocacionais, muito provavelmente, não terá uma única memória, o que acarretará em disputas entre os seus participantes por uma memória que prevaleça e que seja reconhecida com base no presente. Quando falo em memória, utilizo essa categoria histórica segundo Le Goff, que a considera como um documento, um monumento capaz de gerir diferentes representações. Cada um de nós é construtor de seu próprio passado, na medida em que lembra, modifica os sentidos, que depende do tempo e do espaço onde está ou até mesmo habita. A maneira como recuperamos e divulgamos nossas reminiscências diz muito do modo como construímos nossas identidades. Isto significa dizer que memória e identidade são construções que reforçam nossas imagens. É, pois, nesta direção que pretendo abordar os aspectos acima citados, dando fundamento para inventariar o processo constante de rememorar. Para isso, as fontes que trabalho nesta investigação, são as primárias, uma vez que são as produções dos

participantes dos Ginásios Vocacionais do Estado de São Paulo, que são: a tese da Professora Maria Nilde Mascelani e do Professor Nilton César Balzan.

TRABALHO COMPLETO

Este texto é uma tentativa de analisar como os Ginásios Estaduais Vocacionais se constituem enquanto “lugar de memória” a partir das memórias de dois autores e atores do Ensino Vocacional: Maria Nilde Mascelani e Newton César Balzan¹. Importante destacar que o trabalho ora apresentado faz parte da minha pesquisa de mestrado: “Ginásios Vocacionais do Estado de São Paulo: memória dos ex-alunos do “Cândido Portinari” de Batatais – SP”, que venho desenvolvendo e visa investigar como o “Cândido Portinari” se constitui como “lugar de memória” para seus ex-alunos. Para isso, busquei analisar a maneira como esses participantes escolheram para publicarem suas memórias, discutindo aspectos referentes à formação dos lugares de memória, como e por quem se constroem e o que esses lugares representam.

. Assim, neste texto tentarei perceber como Mascelani (1999), educadora e ex- coordenadora do Serviço do Ensino Vocacional, e Balzan (1978), ex-professor da área de Estudos Sociais do Ginásio Estadual Vocacional de Americana, foram construindo suas memórias ao longo do tempo, na forma de narrativas. Busquei perceber que “lugar de memória” estes indivíduos colocaram suas experiências, como se configuravam suas representações, diante de suas práticas na experiência Vocacional.

A idéia foi trabalhar com as diferentes atuações destes indivíduos num mesmo projeto. Para isto fiz as leituras, me atentando mais no modo como os discursos se configuravam, ganhando forma, espaço e significados, que no próprio conteúdo. Dessa maneira, este texto está estruturado em duas partes. A primeira apresenta um breve histórico dos Ginásios Vocacionais, necessário para desenvolver a segunda parte que, abordará a questão da memória como monumento/documento e sua constituição enquanto “lugar de memória”. Após, será apresentado uma análise dos trabalhos já citados, sob duas perspectivas: atores como personagens e atores como partícipes dos Ginásios Vocacionais.

PARTE I. BREVE HISTÓRICO DOS GINÁSIOS ESTADUAIS VOCACIONAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO.

A experiência dos Ginásios Vocacionais foi bastante significativa para a educação no estado de São Paulo, apesar de sua curta duração, 8 anos (1962 a 1969). Foram implantadas seis unidades: uma na capital (São Paulo) e, as demais em cinco diferentes cidades do interior (Batatais, Americana, Rio Claro, Barretos e São Caetano do Sul).

Esta experiência surgiu em um período em que importantes discussões e debates estavam sendo realizados no Brasil no final dos anos 50 e início dos anos 60 do século XX. No entanto é importante ressaltar que as questões a cerca do ensino secundário no Brasil também já apareciam nos debates realizados na Primeira República, Nagle afirma que esta modalidade:

[...] expressava um conceito preparatório, imediatista. Num esforço de solução do duplo problema – aperfeiçoamento e difusão do ensino secundário -, a República entra, com efeito, num período de contínuas reformas, experimentando, de Benjamim Constant a Maximiliano, diversas medidas: exame de madureza, equiparação, exame vestibular, exames de preparatórios – num processo que oscila entre o regime de oficialização e o de desoficialização (1974, p.143).

¹ Os trabalhos analisados foram: “Uma Pedagogia para o trabalhador: o Ensino Vocacional como base para uma proposta pedagógica de capacitação profissional de trabalhadores desempregados (Programa Integrar CNM/CUT)” de Mascelani (1999) e, “Estudos Sociais: opiniões e atitudes de ex-alunos”, de Balzan (1978).

No Brasil, particularmente, no Estado de São Paulo várias reformas ocorreram no século XX, Azanha (1978)² ressalta alguns esforços na perspectiva de expansão e de democratização do ensino secundário paulista: “Reforma Sampaio Dória (1920), Manifesto dos Pioneiros (1932), Luta pela escola pública (1948-1961), expansão da matrícula no ensino ginásial (1967-1969), esparsas tentativas de renovação pedagógica (Ginásios Vocacionais, por exemplo)”

Segundo Azanha, cada um destes eventos representou um esforço no sentido da democratização do ensino, compreendido por ele em sua dupla dimensão: quantidade e qualidade. Não iremos nos aprofundar neste momento sobre estes aspectos, no entanto, é importante destacar que os Vocacionais representaram um dos esforços mais importantes no que se refere à renovação do ensino público paulista.

O modelo dos Ginásios Vocacionais foi fruto de várias inspirações e experiências educacionais desenvolvidas dentro e fora do país. De acordo com Fontes (1999), a idéia do que seria as *classes experimentais* teve início em um encontro realizado no Consulado Francês, em 1950, quando foi convidado um grupo de brasileiros, entre eles o prof. Luis Contier, diretor do Instituto de Educação “Alberto Conte”, em Santo Amaro, para fazer um estágio nas chamadas “Classes Nouvelles” ou “Classes experimentais”.

Após dois anos de estudo e estágio na França, o professor Contier iniciou em sua escola um projeto semelhante ao das classes piloto francesas, entusiasmado com a proposta de detectar aptidões nas séries iniciais e praticar a orientação vocacional que ajudariam os alunos nas suas definições no que se refere à continuidade de seus estudos.

Um grupo de educadores paulistas, preocupados com a educação dos jovens alunos, pensou na criação do SEV. A intenção era dar aos alunos, como nas “Classes Nouvelles”, uma formação geral, além da habilitação profissional no segundo grau. O crescimento dos serviços urbanos e administrativos exigia as presenças de profissionais capazes de gerenciar a cidade.

Segundo Mascellani (1999), em 1957, o resultado desta experiência sensibilizou o diretor do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura (MEC), o Prof. Gildásio Amado, que autorizou o funcionamento de “classes experimentais” no país a ser implementada a partir de 1958.

Após homologação do pedido pelo então ministro Clóvis Salgado, em julho de 1958, era publicado a 1ª circular da Diretoria de Ensino Secundário, que tinha como conteúdo as [...] instruções sobre a natureza e a organização das *classes experimentais* [...] Em janeiro de 1959 o MEC, por meio da portaria, autorizou o funcionamento das “classes experimentais”, em nível nacional (1999, p.34).

Uma das primeiras “classes experimentais”, especificamente a de Socorro tinham seu embasamento metodológico no Modelo de Sevres (França)³, nas propostas da Escola Nova, que tinham como idéia central a pedagogia do educador John Dewey, e também no Modelo da Escola Compreensiva Inglesa (Método Morrison)⁴.

Na Rede Pública paulista foram instalados cinco estabelecimentos experimentais: Instituto de Educação de Jundiaí, Instituto de Educação “Culto a Ciência”, em Campinas, Instituto de Educação “Narciso Pieroni”, em Socorro, e Instituto de Educação “Alberto Conte” e “Macedo Soares”, ambos em São Paulo.

De acordo com Fontes (1999) as “classes experimentais” foram fundamentais para a criação do que seriam os Vocacionais. A iniciativa de criação desta experiência em São Paulo partiu então do Secretário da Educação do Estado de São Paulo, Luciano Vasconcellos de Carvalho, que decidiu lutar pela implantação de um novo modelo de escola que atendesse às reivindicações de uma sociedade em processo de democratização⁵. Para efetivar esta proposta, foi montada uma comissão de educadores e especialistas do Ensino Secundário e Industrial, presidida pelo prof. Oswaldo Barros Filho (técnico de

² Ver Azanha (1978), página 35.

³ Ver Fontes (1999)

⁴ Ver Mascelani (1999).

⁵ Ver Azanha (1978)

Educação do Departamento de Ensino Técnico Profissional). Entre os componentes desta comissão estava também a Profª Maria Nilde Mascellani, que desde 1959 havia participado da execução do projeto de “Classes experimentais” em Socorro. Pode-se inferir que os Vocacionais, só foram possíveis de serem implantados por terem contado com a participação de pessoas que estiveram presentes no desenvolvimento das “Classes experimentais”, modelo inspirador da nova iniciativa educativa em São Paulo.

No sentido de impulsionar a organização e estruturação desta nova proposta foi criado o Serviço do Ensino Vocacional (SEV), por meio do artigo 25 da Lei Estadual nº 6052 de 03 de Fevereiro de 1961, regulamentada pelo Decreto Estadual nº 38.643, art. 302, de 27 de Junho de 1961, desta forma a comissão até então responsável pelas “classes experimentais” foi extinta.

Sobre o Serviço do Ensino Vocacional, Mascellani nos esclarece que este era composto de:

[...] coordenadoria, equipe de assessor-administrativo e pedagógico, equipe de pesquisa, com socióloga, psico-pedagoga, setor de estágios (capacitação pedagógica), setor de despesa, setor de prédios e equipamentos, setor pessoal, setor de relações públicas, setor de audiovisual e documentação e biblioteca (1999, p.89).

Segundo Balzan (1978), na nova estruturação do SEV, a Profa. Maria Nilde Mascellani⁶ foi convidada para a coordenação dos trabalhos. O SEV constituiu-se como um órgão especializado, diretamente subordinado ao Gabinete do Secretário da Educação do Estado, órgão coordenador da experiência do Ensino Vocacional, era composto de coordenadoria, equipe de assessores administrativo e pedagógico, equipe de pesquisa, socióloga e psico-pedagoga, setor de estágios (capacitação pedagógica), setor de despesas, setor de prédios e equipamentos, setor de pessoal, de relações públicas, de audiovisual, documentação e uma biblioteca. Era ainda de responsabilidade do SEV fazer uma pesquisa de comunidade, que deveria obter dados sobre a localidade que auxiliaria na composição do currículo da unidade onde seriam instalados os Ginásios Vocacionais.

Após a instalação das unidades e a pesquisa da comunidade, “o grupo de trabalho do Ensino Vocacional programou e desenvolveu no segundo semestre de 1961 o primeiro curso de treinamento de professores” (PPA, 1968, p.17).

Todos os candidatos a professores, faziam o curso cuja duração era de seis meses em tempo integral e como etapa final deste processo cada um dos participantes era entrevistado.

Uma vez terminado o curso, a equipe que o coordenava, “seleciona aqueles que parecem oferecer melhores condições de adaptação ao Ensino Vocacional, dentre os que oferecem disponibilidade para tal” (PPA, 1968, p.18).

Nos Ginásios Vocacionais:

O regime de trabalho dos professores e orientadores dos Ginásios Vocacionais foi inicialmente de 36 horas semanais, passando depois para 40 e 44 horas semanais, quando a nova legislação assim permitiu. Faziam parte das funções dos professores: preparação de aulas e atividades; seleção de bibliografia e textos de estudo; orientação do estudo dirigido; observação de alunos e elaboração de suas fichas; organização do estudo do meio; planejamento do trabalho de avaliação e o cuidado com a documentação dos alunos em sua área (MASCELLANI, 1999, p. 92).

Os Ginásios Estaduais Vocacionais foram instituições de ensino de tempo integral para jovens de ambos os sexos, com idade de 11 a 13 anos (para o ingresso).

Diria tratar-se de “jovens privilegiados”, não no sentido socioeconômico, pois os alunos, principalmente aqueles das primeiras turmas, atraídos pelo nome “vocacional” e identificado-a com uma “escola profissional”, eram

⁶ Na época, Maria Nilde Mascellani era professora e orientadora Pedagógica das classes experimentais do Instituto de Educação de Socorro.

oriundos de camadas socioeconômicas média, média/baixa ou baixa (ROVAI, 2005, p.16).

Além do ensino secundário, ou “Ginásio”, o Ensino Vocacional também implantou em 1968, somente no Ginásio Vocacional “Oswaldo Aranha”, na capital, os cursos complementares, o curso noturno e o segundo ciclo do ensino secundário.

Importante destacar que a criação de mais um período, o noturno, foi em função da ausência de escolarização para os alunos que trabalhavam, os quais só efetuavam a matrícula, por meio da apresentação de um comprovante de trabalho, sendo então este um dos pré-requisitos para ingresso.

Quanto aos cursos complementares, sabemos que foram criados em 1969 e:

[...] eram ministrados por alunos e pais e envolviam assuntos diferenciados: corte e costura, datilografia, marcenaria, etc; mas sempre incluindo uma base política e social”. Para a autora, “Esta proposta do curso noturno, voltado para o aluno trabalhador, de baixa renda, era extremamente avançada para a época (TAMBERLLINI, 1998, p.78-82).

Este ensino ginásial era estruturado em quatro anos, apresentava um currículo diferenciado, “O Currículo era dividido em duas etapas de dois anos: a Iniciação Vocacional, constituída por duas séries escolares, desenvolvidas em dois anos letivos e o Ginásio Vocacional completo, constituído pelas quatro séries” (TAMBERLLINI, 1998, p.80).

Almejava-se com este ensino, “[...] formar o jovem consciente que elabora o próprio processo de educação” (TAMBERLLINI, 2001, p.39).

Outro aspecto importante da proposta dos Vocacionais refere-se à integração escola e pais. Ambos os elementos essenciais para o contato com a comunidade, sendo esta a razão da importância dada aos trabalhos com os pais, bem como, a participação deles no processo educativo de seus filhos.

Para o melhor desenvolvimento da aprendizagem, foram ainda desenvolvidas algumas técnicas de estudo conhecidas por “estudo do meio”, “estudo dirigido” e “trabalho em grupo”⁷, que no momento não serão discutidos neste trabalho.

Enfim, este modelo renovador de educação foi extinto em 12 de dezembro de 1969, com a ocupação dos militares nas seis escolas com ocorrências, prisões e violência de pais, alunos e professores.

Em 5 de junho de 1970 é publicado o decreto estadual nº52460, que extingue o ensino renovado em todas as escolas estaduais. A partir deste decreto, as escolas pedagogicamente passam a ficar subordinadas à Divisão de Assistência Pedagógica, sob a direção da professora Teresinha Fram e, administrativamente, subordinada ao Departamento Regional de Educação da Grande São Paulo. A experiência estava de fato extinta⁸.

PARTE II. A MEMÓRIA NA CONSTITUIÇÃO DOS LUGARES E COMO DOCUMENTO/MONUMENTO.

A memória tem sido foco de discussão, não só entre os especialistas de diferentes áreas, mas também como fator determinante na construção da identidade individual e a coletiva. A qual Pollak, defini assim:

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (1992, p. 204).

⁷ Sobre essas atividades ver Tamberlini (1999).

⁸ Ver Mascellani (1999).

Já Samuel diz:

[...] a memória longe de ser meramente um receptáculo passivo ou um sistema de armazenagem, um banco de imagens do passado, é, isto sim, uma força ativa, que molda: que é dinâmica – o que ela sintomaticamente planeja esquecer é tão importante quanto o que ela lembra – e que ela é dialeticamente relacionada ao pensamento histórico, ao invés de ser apenas uma espécie de seu negativo (1994, p.44).

Com base nas definições acima, percebemos que a memória vem aparecendo nos diferentes discursos, como meio também de preservar as experiências passadas e resignificá-las, o que, nos propõe pensar, sobre os lugares onde as memórias se apóiam. Precisamos criar lugares para que nossa memória se estabeleça, pois que:

[...] os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, pois estas operações não são naturais[...] (NORA, 1993, p.13).

Esses lugares de memória, só existem, em função dos diferentes significados que damos a eles, o que significa dizer que estes lugares vivem das transformações, podendo existir tantas memórias, quantos grupos existirem. “Ora, há em cada época uma estreita relação entre os hábitos, o espírito de um grupo e o aspecto dos lugares onde ele vive [...]” (HALBWACHS, 1990, p.69)

Sabemos que o ato de rememorar implica em escolher o que lembrar e como lembrar. Neste sentido, a experiência dos Vocacionais muito provavelmente não terá uma única memória, o que acarretará em disputas entre os seus participantes, por uma memória que prevaleça e que seja reconhecida com base no presente. Na medida em que seus testemunhos se remetem as experiências vividas nestes lugares, acabam por (re)construírem suas memórias. Nessa perspectiva, é que tentarei perceber como os Vocacionais foram se constituindo enquanto memória viva dos grupos que fizeram parte desta experiência.

Pouco são os momentos em que pensamos sobre as memórias que escolhemos para recordar e quais sentidos atribuímos a elas. Menos ainda, somos capazes de percebermos que nossas identidades são construídas a partir dessas memórias. Mas não dá para trabalhar com a memória, sem conhecer seus materiais. Para isso, Lê Goff, esclarece:

A memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos. Esses materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador (1984, p. 95).

Atenta a um dos materiais apresentados por Le Goff (1984), o monumento, é que tentarei compreender o Ginásio Vocacional.

Mas ao tratar dos monumentos, há que se compreender os documentos, nesse sentido, o documento é:

[...] uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que os produzem, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é algo que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento... que ele traz devem ser em primeiro analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente (LE GOFF, 1984, p. 104).

Com base na citação acima, é possível inferir que os discursos neste trabalho analisados se constituem de documento que se apresentam como monumentos, repletos de significados, os quais busco trazer na análise abaixo.

Análise dos Trabalhos

Autores como personagens

Neste item trabalho com as informações sobre a trajetória de vida de Maria Nilde Mascellani e do Professor Newton César Balzan. Importante destacar, que esta análise, se restringirá aos dados que estes personagens revelaram em seus trabalhos sobre os Vocacionais.

Estou partindo do pressuposto de que suas trajetórias anteriores ao ingresso nos Ginásios Vocacionais, foram fatores determinantes nas práticas educacionais, tanto da ex-coordenadora quanto do ex-professor, ambos atores da experiência dos vocacionais.

Iniciarei pela trajetória de Mascelani, que em sua pesquisa, aponta alguns aspectos importantes de sua carreira, que culminaram na sua participação e atuação nos Vocacionais.

Mascellani começa por revelar a sua vida profissional, no Instituto de Educação Narcisa Pieronie, onde posteriormente funcionaram as classes experimentais, na cidade de Socorro, interior do Estado de São Paulo.

Nesse instituto, Mascellani foi professora no curso normal, de formação de professores primários e após quatro anos de experiência como docente foi escolhida e designada para função de Orientadora Pedagógica do mesmo instituto onde permaneceu de 1957 a 1961.

Cabe aqui, explicitar um pouco sobre as classes experimentais de Socorro, que segundo Mascellani, se diferenciou das demais, por esta escola trabalhar com a idéia de currículo integrado e ensino conceitual, cujo modelo, incorporava:

[...] grandes noções de cultura geral, as práticas de reconhecimento da realidade local no seu cotidiano, a seleção de conteúdo com destaque de conceitos, considerados elementos mediadores de todo o currículo, o trabalho em grupo, o estudo dirigido, o estudo do meio, as práticas de avaliação (1999, p.78)

Mesmo sob a perspectiva ainda tímida das idéias da Escola Nova, as propostas pedagógicas relativas às classes experimentais [...] eram vistas como anárquicas e radicais por alguns educadores e tecnocratas da educação, os quais tinham, no ministério da educação, a incumbência de analisar os projetos (MASCELANI, 1999, p.78).

Verifica-se a partir da afirmação acima, quão grande era a resistência de alguns educadores da época, que realizavam outras práticas educativas com relação à nova proposta de ensino da Escola Nova.

Após três anos de funcionamento das classes experimentais, o secretário da Educação visitou a cidade de Socorro a convite do Pe. Leonel Corbeil, membro da direção da Associação de Educadores Católicos. Impressionado com a dimensão do trabalho, vislumbrou a possibilidade de ampliar a experiência dessas classes experimentais para outras cidades do Estado.

Mascelani, então orientadora pedagógica da experiência foi chamada a comparecer ao Gabinete do secretário, Dr. Luciano Vasconcellos Carvalhos, para discutir a proposta.

Em 1961, a convite do secretário Estadual de Educação, voltou a São Paulo, para participar de um grupo que seria criado para inovar o ensino secundário e técnico, o que o resultou anos depois, no surgimento do Ensino Vocacional.

Das Classes Experimentais de Socorro ao Serviço do Ensino Vocacional, Mascelani nos esclarece:

A Portaria do MEC que permitiu as Classes Experimentais era muito frágil para ampliar um projeto de tal envergadura. Tivemos várias reuniões com o Secretário até descobrirmos que estavam em curso estudos para a reforma do Ensino Técnico Industrial, de nível estadual. As escolas técnicas eram vinculadas ao Departamento de Ensino Profissional da Secretaria Estadual de Educação. A estratégia encontrada pelo secretário foi embutir, no texto da nova lei, artigos que permitissem uma base legal para a experiência de renovação no ensino secundário. Para esse fim, foi formada uma comissão mista de professores do ensino técnico e professores do ensino propedêutico à qual fui integrada (1999, p.84)

Em fim, esta comissão primeiro confecciona um texto legal baseado nos textos da reforma do ensino industrial, e depois redigi o texto do decreto que regulamentaria a lei estadual. Sobre os membros dessa comissão, os transmites do processo e finalmente o convite para ser coordenadora dos Serviço do Ensino Vocacional, trago esse trecho do trabalho de Mascelani, que mostra mais uma vez seu engajamento na luta pela educação.

Fizemos parte dessa comissão, ao lado de Oswaldo de Barros Santos, Paulo Guaracy Silveira, Gilberto Grande, Maria José Guerra e Dirce Rocha de Almeida, do Departamento de Ensino Profissional, e Luiz Contier, diretor do Instituto de Educação Alberto Comte, da capital, defensor da multiplicação de Classes Experimentais pela orientação pedagógica do Centro de Sèvres. Durante quatro meses a comissão dedicou-se à redação do texto do decreto que, uma vez concluído, logo foi assinado, em 1961, pelo então Governador do Estado, Carvalho Pinto, politicamente próximo ao PDC (Partido Democrata Cristão).

No decreto foi inserido um capítulo para possibilitar a criação dos Ginásios Vocacionais que viriam a funcionar inspirados na pedagogia das Classes Experimentais de Socorro [...] Pelo mesmo decreto foi criado o Serviço do Ensino Vocacional, órgão destinado a planejar, orientar e avaliar essa nova modalidade de ensino, bem como desenvolver programas de capacitação e estágio para o magistério e estudantes universitários. De acordo com o decreto, os Ginásios Vocacionais poderiam funcionar independente ou integrados às Escolas Profissionais.

Terminada a tarefa de redação do decreto, a comissão coordenada pelo professor Oswaldo Barros Santos foi desfeita. Algum tempo após a publicação do decreto, o Secretário me convidou para exercer a função de Coordenadora do Serviço do Ensino Vocacional [...] (1996, p.84-85)

Concidero importante citar esse trecho, uma vez que mostra a maneira como Mascelani vai construindo sua identidade, permitindo lembrar-se, (re)visitando suas memórias para então ressaltar a sua ação, enquanto uma das idealizadoras e responsáveis pela marca deixada no sistema de ensino em tempos de Ditadura. De imediato, percebe-se o engajamento educacional e principalmente político, da figura de Maria Nilde Mascelani, que esteve à frente dos projetos de renovação e melhoria para o ensino no Estado de São Paulo.

Infelizmente, este tópico se restringirá apenas à trajetória de Mascelani, pois o Prof. Newton Balzan em sua tese, não apresenta sobre sua trajetória pré-vocacional, o que implica em analisarmos apenas sua trajetória, enquanto professor do Vocacional de Americana.

Autores como partícipes dos vocacionais.

Reservei este item, com a intensão de trazer as experiências dos personagens deste trabalho, isto é, suas trajetórias nos Vocacionais. Este, fundamental para que as análises fossem mais

produtivas, na medida em que busquei compreender como essas testemunhas dos Vocacionais, construíram suas identidades, a partir de suas memórias.

Tanto Mascelani, quanto Balzan esforçaram-se em apresentar suas experiências, seus envolvimento na luta pela transformação do ensino secundário no Estado de São Paulo, nos anos 60. Ambos se mostraram engajados e dispostos a propiciar um ensino que atingisse os jovens da época, que oferecesse uma formação para a vida e lhes dessem condições para transformar a si mesmos e suas realidades.

Estou levando em consideração, que as memórias apresentadas pelos mesmos, foram muito bem escolhidas, de forma a mostrar sempre em seus relatos que a experiência dos Vocacionais foi exitosa.

Desse modo, apresento a seguir suas trajetórias nos Vocacionais.

Após aceitar o convite do Secretário da Educação, Mascelani assumiu o cargo de coordenadora dos SEV, cujo projeto começou a funcionar em 1962 e que segundo a autora:

Ao longo de toda a sua existência, o SEV, além de planejar, supervisionar e avaliar o trabalho dos Ginásios Vocacionais diurnos e noturnos, o curso colegial e os cursos complementares, desenvolveu cursos de Capacitação Pedagógica para professores da rede estadual, atividades esta que significou a extensão, ao conjunto da rede, dos métodos de trabalho desenvolvidos nas unidades de Ensino Vocacional (1999, p.97).

E continua: “Com a instalação dos Ginásios Vocacionais noturnos, o SEV respondia de forma explícita às acusações que lhe eram feitas de trabalhar apenas com a clientela de bom nível sócio-econômico” (1999, p.95). Essas e outras críticas, contidas nos relatos de Mascellani, evidenciam ainda mais, o quão rigoroso era o processo seletivo para o ingresso nos vocacionais e também a preocupação em atender todo o tipo de clientela. Aliás, sobre este fato, ver Mascelani (1999), onde ela explica o processo de seleção para ingresso dos alunos nos Vocacionais e destaca esse fato:

[...] a negação de matrícula para um aluno que não havia passado pela seleção do Ginásio Vocacional ‘Oswaldo Aranha’, mas que era filho de um funcionário de confiança do Secretário da Educação, implicaria no meu afastamento da coordenação do SEV, bem como da diretora administrativa do Ginásio (1999, p. 98).

Esse episódio mostra a postura firme e a seriedade no trabalho de Mascelani, que após uma reunião com o secretário da Educação e com os representantes das diretorias das sociedades de Pais e Amigos dos Ginásios Vocacionais, volta à coordenação do SEV e na direção do GEVOA⁹. Mas a história não acaba aí, pois Mascellani é afastada mais uma vez de seu cargo, agora junto à professora do Ginásio Vocacional de Americana, que disse ser informada pelo então secretário da Educação, Professor Ulhoa Cintra, de que era uma determinação do comando do II Exército¹⁰.

Com base nestes fatos, posso inferir que nos seus nove anos, tempo de duração dos Vocacionais, Mascelani e seus companheiros conviveram com pressões de todo tipo e com a mudança de nove Secretários de Educação, o que demonstra uma grande impermanência nas políticas educacionais, na medida em que cada um realizava o que lhe convinha. Segundo Mascelani, “O SEV viveu ao longo de sua existência um processo de permanente tensão (1999. P.97).

Percebi que para Mascelani, falar sobre os vocacionais foi uma oportunidade de reconstruir mais uma vez sua memória marcada por um regime ditatorial que a fez sofrer constantes conflitos em benefício da educação. No seu trabalho, ela nos apresenta a origem do projeto do Ensino Vocacional. Para tanto, dialoga com seu leitor contando um pouco de sua trajetória como profissional, desde quando era professora na experiência em Socorro (Escola Experimental), sua atuação como

⁹ A sigla GEVOA, significa Ginásio Vocacional “Oswaldo Aranha” que funcionou no Brooklin, na capital.

¹⁰ Ver Mascellani (1999).

coordenadora dos Ginásios Vocacionais, docente da PUC-SP, e por fim à frente de mais um projeto de capacitação de profissionais desempregados (Projeto Integrar) em parceria com a CNN/CUT.

Durante o percurso da pesquisa, Mascelani se mostra sempre muito engajada e com espírito de lutadora. Uma professora que enfrentou muitos conflitos, principalmente de ordem política, e como menciona anteriormente, culminou no seu afastamento da coordenação dos Vocacionais.

Como uma das idealizadoras deste modelo de ensino renovado, em nenhum momento ela se mostra vencida pelo orgulho ou capricho do sucesso dos Ginásios Vocacionais. A cada informação, injeta ânimo e coragem para lembrar os momentos em que coordenara os Vocacionais. Por um lado, apresenta-se sempre satisfeita por ter participado da experiência em defesa da escola pública.

Por outro lado, lembrou também o que havia restado em suas memórias dos Vocacionais, seu afastamento de cargo, as ameaças recebidas, sua prisão junto aos outros colegas de luta. Seu trabalho é um convite à reflexão na medida em que proporciona ver nas entrelinhas o significado maior da experiência que ora se configura pelas memórias daqueles que as compõem.

Mascelani, em 1970, é aposentada de seu cargo efetivo por concurso, definição feita com base no AI-5. Após um tempo, ela reinicia sua vida profissional, então como professora na Pontifícia Universidade Católica, onde desenvolveu alguns projetos, tais como o “Integrar”, que tratava da capacitação profissional de trabalhadores desempregados, vinculado a CNM/CUT, já mencionado anteriormente.

Já o Prof. Newton Balzan, participou de muitas atividades desenvolvidas pelo SEV, desde agosto de 1961, quando iniciou seu curso de treinamento para professor do Ginásio Vocacional de Americana, até o final de 1968, quando deixou suas funções de supervisor da área de Estudos Sociais.

Em sua pesquisa, nos apresenta os questionários feitos com seus ex-alunos, onde pretendeu abordar o problema da avaliação em educação, querendo saber a opinião e as atitudes desses alunos em relação ao trabalho realizado por ele, nos Vocacionais. Estudos Sociais surgia como área de estudos, apresentando características próprias, porém sem definição clara. Segundo Balzan: [...] os professores eram formados em Geografia e História, sem especialização em Estudos Sociais [...] e que segundo o autor, não prejudicou o trabalho nesta área, dizendo: “Parecia haver, no entanto, uma consciência bastante clara sobre a importância do trabalho a realizar, o que marcou o planejamento do currículo (1987, p.23).

Nos Ginásios Vocacionais, ele e outros professores elaboraram as chamadas “baterias”, ou seja, trabalho encaminhado aos alunos, visando à situação do estudo dirigido. “Visava-se proporcionar ao aluno condições para que ele começasse a aprender a estudar, a fim de que, posteriormente, pudesse caminhar independente do professor (1987, p. 44). Diz-nos ainda, [...] especialmente nas primeiras e segundas séries, os Estudos do Meio realizados pelas duas turmas, refletiam as diferentes metodologias lógicas imprimidas nos trabalhos pelos professores de Estudos Sociais (1987, p. 51).

Nas citações acima, é possível perceber como este professor vai dando um valor significativo ao seu trabalho no Vocacional e fora dele, como veremos mais a diante. Balzan conta sobre as funções na área de Estudos Sociais, sendo algumas delas: integração entre as várias áreas dos Ginásios Vocacionais; função de síntese nesse processo de integração, dar conta de uma gama imensa de conteúdos e reflexões a cerca dos mesmos, desenvolvia-se atividades de estudo dirigido, estudo supervisionado e estudo livre na tentativa de aumentar o interesse dos alunos em estudar. A seguir trago alguns trechos que considero importante, pois que denotam que as opiniões favoráveis dos alunos de Balzan, sobre a formação dada em Estudos Sociais.

A maioria absoluta dos ex-alunos declara-se favorável à maneira segundo a qual ocorreram as situações de aprendizagem em Estudos Sociais – o estudo em lugar da ‘aula expositiva [...] (p.122 e 123).

O ex-aluno valoriza Estudos Sociais e não se julga prejudicado pela posição dada à área de Estudos Sociais nos Ginásio Vocacional, ao mesmo tempo, a grande ênfase dada a Estudos Sociais, segundo 113 dos 116 ex-alunos, não os prejudicou posteriormente (p.117).

A maioria absoluta dos ex-alunos revela ter percebido a integração entre as várias áreas do Ginásio Vocacional e, tendo concordado com a afirmação segundo a qual “o que é aprendido nas várias áreas, ganha sentido em

Estudos Sociais”, posteriormente identifica a função de síntese que a área terá desempenhado no processo de integração (p.119).
[...] podemos afirmar que a opinião do ex-aluno é favorável ao estudo, conforme fora ele desenvolvido na área de Estudos Sociais (p.124).

Podemos concluir, assim, que indivíduos que exercem as mais variadas profissões e que cursam os mais diferentes tipos de escolas, opinaram em geral da mesma forma: favoravelmente ao papel desempenhado por Estudos Sociais na opção de trabalho e estudo (p.131).

Balzan, querendo sempre enfatizar que semeou um bom trabalho, coloca as respostas dos alunos sempre de acordo com suas expectativas. Para ele, o Ginásio Vocacional de Americana foi uma experiência que deu certo, sendo uma experiência enriquecedora tanto para ele, enquanto professor, quanto para seus alunos e suas respectivas famílias, pois que todos vivenciaram a experiência direta ou indiretamente. Aprovou a forma pedagógica e administrativa dos Vocacionais, que o auxiliou profissionalmente.

Usando das opiniões dos ex-alunos, Balzan, buscou evidenciar a eficácia de sua prática, que segundo ele, os alunos pareceram se dar bem fora do Vocacional. Atualmente, Balzan é professor titular da Faculdade de Educação da PUC-Campinas e Professor colaborador da UNICAMP.

Com certeza, a experiência dos Ginásios Vocacionais foi um lugar de memória privilegiado por Maria Nilde e por Newton César Balzan, na medida em que possibilitaram reescreverem suas trajetórias, reverem suas práticas, reconhecerem suas lutas e se reconstruírem como pessoa, Além de legitimar seus discursos sobre a experiência.

Analisar essas informações foi profícuo, de modo a confirmar que essas memórias podem ser entendidas como memórias monumentos, pelo valor que seus próprios autores atribuem a elas. Em fim, até o momento foi possível fazer essa primeira análise, pois continuo no trabalho com as memórias que constituem os Vocacionais como um “lugar de memória”.

BIBLIOGRAFIA

- Azanha, J. M. P. (1993). “Democratização do ensino: vicissitudes da idéia no ensino paulista”. In *Cadernos de História e Filosofia da Educação*, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Vol. I, nº.1, Feusp, São Paulo, Brasil.
- Chiozzini, D.F. (2003). *Os Ginásios Vocacionais: A (Dês)construção da História de uma experiência educacional transformadora (1961-69)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista (UNICAMP), Campinas, Brasil.
- Fontes, A. A. B. (1999). *Inovações Educacionais: Autores e Atores das classes experimentais*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Brasil.
- Halwachs, M. (1990) “A memória coletiva”. Em *Vértice, Editora Revista dos Tribunais*, São Paulo/SP, Brasil.
- Lê Goff, J. (1984) “Documento/Monumento”. In *Memória e História*, p.95-106, Ed. Imprensa Nacional / Casa da Moeda, Lisboa, Portugal.
- Marques, S. M. L. (1985). *Contribuição ao estudo dos Ginásios Vocacionais do Estado de São Paulo: o Ginásio Vocacional “Chanceler Raul Fernandes” de Rio Claro*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, Brasil.
- Mascellani, M. N. (1999). *Uma pedagogia para o trabalhador: o Ensino Vocacional como base para uma proposta pedagógica de capacitação profissional de trabalhadores desempregados (Programa Integrar CNM/CUT)*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Nagle, J. (1992). *Educação e sociedade na Primeira República*. EPU, São Paulo, Brasil.
- Nora, P. (1993) “Entre a Memória e a História. A problemática dos lugares”. Em *Projeto História* (10). p.7-28, São Paulo/SP, Brasil.
- Pollak, M. (1992) “Memória e identidade social”. Em *Estudos Históricos*. v.5. Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

- Portelli, A. (1997). "O que faz a história oral diferente". In: *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*, nº 14, pp.25-39, PUC, São Paulo, Brasil.
- Rovai, E. (1996). *As cinzas e a brasa: Ginásios Vocacionais. Um estudo sobre o processo de ensino-aprendizagem na experiência pedagógica do Ginásio Estadual Vocacional 'Oswaldo Aranha' (1962/1969)*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, Brasil.
- Samuel, R. (1997) "Teatros de memória". Em *Projeto História* (14). p.41-82. São Paulo/SP, Brasil.
- Tamberlini, A. R. M. B. (1998). *Os Ginásios Vocacionais: a dimensão política de um projeto pedagógico transformador*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Thompson, P. (1992). *A voz do passado: a história oral*. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, Brasil.
- Vilanova, M. (1986). *El poder em la sociedad – Historia y fuente oral*. Antonio Bosh, Editor, Barcelona, Espanha.